



**“PRISCILA, A RAINHA DO DESERTO”:
RE-APRESENTANDO OS CORPOS QUEER**

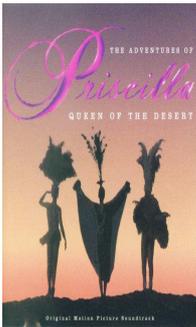
VERGARA, Daniel Luis Moura¹; SILVA, Vera Mendonça¹; MAGNI, Claudia Turra²

¹Estudante do curso de graduação em Ciências Sociais – ISP/UFPeL.

²Orientadora : Prf.^a Dr.^a Claudia Turra Magni – ICH/UFPeL.

Email: danielsocial@gmail.com

1. INTRODUÇÃO



“Priscilla, a Rainha do deserto”, dirigido por *Stephan Elliott*, é um filme australiano de 1994 que atingiu um grande sucesso. Conta a trajetória de três *Drag Queens*, *Tick*, *Felicia* e *Bernadette*, que cruzam o deserto australiano para fazer um show em *Alice Springs*. Nessa aventura, acabam descobrindo segredos uma das outras, aprendendo a conviver com suas diferenças e tratando do preconceito de que são vítimas de uma forma irreverente. Durante a viagem, o ônibus batizado como “Priscila” quebra no meio do deserto e é socorrido por um mecânico que acaba se tornando mais um companheiro de aventura. Entre várias surpresas, elas descobrem que a pessoa que os contratou para o show é simplesmente a ex-mulher de uma das *Drag Queens*.

Se, tanto Dziga Vertov, quanto Robert Flaherty - precursores de duas correntes distintas do cinema do real - serviam-se de artifícios ficcionais na reapresentação da realidade (PIAULT, 2001), inversamente, podemos encontrar, nos personagens ficcionais de trabalhos cinematográficos, sujeitos com potencial de nos guiarem para interpretações sobre a vida em sociedade.

Gilles Deleuze, aproximando cinema e filosofia, instaura a idéia de conjunção, de múltiplo e de multiplicador de devires, num processo de contínua transformação. O cinema atua neste patamar sem identidade fixa, é a arte nômade. O cinema, para o autor, cria conceitos, se livra das amarras da narração e se torna um pensamento em imagem. Para ele, “todo pensamento é um devir; em vez de ser o atributo de um sujeito é a re-apresentação do todo” (DELEUZE, 1997:46).

David Le Breton, antropólogo especialista das representações do corpo humano, enfatiza a necessidade de contextualizá-lo historicamente e, nesse sentido, demonstra sua importância para o rendimento produtivo da sociedade

Moderna. Propriedade do Estado, o corpo era uma chave necessária para o desenvolvimento industrial e comercial, sendo, por isso, alvo de castração.

No intuito de contextualizar esse corpo na atualidade, tal como sugere este autor, servimo-nos de Anthony Giddens (1991), para quem o corpo não é mais apenas uma entidade física, mas um sistema de ações, práxis, algo que exprime sua auto-identidade. Para Giddens, o corpo é um conjunto de ações que constrói a identidade do sujeito e é, sobretudo, rodeado de significados das aparências, posturas, sensualidade e regimes dos corpos. Se o corpo era percebido como um aspecto da natureza, com a invasão do corpo pelo sistema abstrato, ele se torna uma *auto-identidade*, um local de interação, apropriação e reapropriação. Hoje, portanto, o corpo possui outros devires, na busca de sentidos subjetivos à vida do sujeito. Em vez de objeto de castração, o corpo se impõe como instrumento de comunicação do sujeito com o mundo; abandona sua docilidade para constituir-se em símbolo potencial de liberdade.

Em seu papel crucial nos processos de identificação e comunicação, o corpo é investido pelo desejo de mutação, permitindo aos grupos sociais demonstrarem ao mundo e aos seus pares, as interpretações e significados que lhe atribuem. A esses grupos organizados, estruturados e, principalmente, que constroem e modificam sua cultura, Le Breton designa como “primitivos modernos”. É nessa perspectiva que as protagonistas do filme em questão, pelos valores incontestáveis de inquietante estranheza que aportam para a sociedade contemporânea, podem ser identificados como *queer* ou “primitivos modernos”.

2. METODOLOGIA

Este trabalho toma como campo de investigação a obra cinematográfica “Priscila a rainha do deserto”, buscando explorar o potencial analítico de seus personagens ficcionais, três *Drag Queen*s, a partir da gama de significados sociais representados pelos seus corpos. Parte-se do princípio metafórico de que a alma do cinema está no fato dele ser uma “janela para o mundo”, o único meio com objetividade suficiente para “revelar o real” (CAMPOS, 2007). Assim, os personagens de “Priscilla, a rainha do deserto” ajudam na percepção de como o corpo de um sujeito *Drag Queen* é usado na sua comunicação com a sociedade e nos processos de constituição identitária. A análise foi subsidiada por autores como Le Breton, Giddens e Louro, que trouxeram aporte teórico nas áreas da antropologia e da sociologia.

3. DISCUSSÃO



O filme nos conta a história de três *Drag Queens*, trazendo para a tela características desse grupo expressas em histórias que se confundem com as da vida real, apresentando-se como uma manifestação ímpar. Apesar de muitas vezes serem confundidas com travestis e transexuais, as *Drag*s inscrevem-se em um mundo social marcado por

diferenças. Ser *Drag* associa-se ao trabalho artístico, pois há a elaboração de um personagem. A elaboração caricata e luxuosa de um corpo feminino é expressa através de artes performáticas como a dança, a dublagem e a encenação de pequenas peças. É relevante mencionar a inserção das *Drags Queens* nos meios de comunicação e na mídia, de forma bastante expressiva. Elas estão saindo de espaços exclusivamente GLBT (*gay*, lésbica, bissexuais, transexuais) para executarem *performances* nos mais diversos ambientes, como no deserto australiano e no hotel *Alice Springs*, apresentados no filme. As *drags* contrapõem-se à idéia do corpo e identidade como algo fixo ao transformá-los em corpos e identidades nômades.

Em seus estudos, Vencato (2000) observou nítidas diferenças entre travestis e *drags queens*, que podem ser observadas na obra cinematográfica analisada. O travesti, como o personagem *Bernadette*, sofre uma exclusão social, tendo sua imagem associada à marginalização e prostituição, enquanto que as *drags*, como *Tick* e *Felícia*, por viverem como homens e só assumirem um personagem feminino ao se *montarem* (Louro, 2004), vivem com mais facilidade, tanto nos espaços heterossexuais como nos homossexuais, inserindo-se nestes com uma *performance* artística, diversamente dos travestis.

Apesar dessa diferença de gênero artístico entre *drags* e travestis, no filme, ambos os personagens se utilizam da *performance* artística, criam caricaturas femininas, fazem uso de diversos acessórios para essa transformação em personagens masculino-feminino e tem suas imagens sempre associadas aos conceitos de beleza, sedução e vaidade. Segundo Louro (2004) “ao se constituírem *drags*, os sujeitos passam por um longo processo de transformação, buscando um ‘outro’ não acessível, senão por meio de sua *montaria*” (referência ao ato de constituir a personagem feminina com adereços, nome próprio e características femininas). *Tick*, *Felícia* e *Bernadette*, quando montadas de *drag*, unem, em um único corpo, características físicas e psicológicas múltiplas, sendo e estando masculinos e femininos ao mesmo tempo, em um jogo de composição que transcende uma rigidez dualista (feminino-masculino) em termos de corpo e identidade de gênero

Esses três protagonistas foram interpretados aqui como uma forma de ampliar a discussão sobre o corpo sexual. Assim, a teoria *queer* nos auxilia nesta discussão ao romper o paradigma separatista entre heterossexual e homossexual, masculino e feminino, que muitas vezes restringem a discussão sobre gênero. A noção de *queer* - que remete a algo estranho, raro, excêntrico e fascinador - se contrapõe à normalização e à heteronormatividade. Ao discutir a sexualidade na *teoria queer*, Louro (2004) enfatiza uma das principais revoluções conceituais, pois traz a idéia de corpo nômade e não-dicotomizado. A questão que a teoria coloca é a problematização sobre a construção de gênero, supostamente dividido entre identidade masculina e feminina.

4. CONCLUSÃO

O cinema nos proporciona, em sua grande tela, muitas possibilidades de ver o mundo, nos traz a magia da re-apresentação da realidade. Através desta capacidade, o filme “Priscila, a rainha do deserto” nos mostra como as *drags*

queens utilizam seus corpos para a construção de uma identidade fluida e para sua comunicação no mundo. Esses sujeitos exemplificam a complexibilidade da sexualidade humana, enquanto manifestações recentes e inovadoras dentro da chamada identidade *queer*. Com auxílio de acessórios, maquiagem, recursos gestuais e performáticos, as características masculinas desses personagens transmutam-se, em maneiras diferentes e paradoxais de viver e demonstrar identidades de gênero expressivas de seu devir.

5. REFERÊNCIAS

CAMPOS, Luana. **O Cinema nas Potências do falso - Devir e Híbridizações**. Travessias, nº2, 2007.

DELEUZE, Gilles. GUATARRI, Félix. **Mil Platôs, V. 5**. São Paulo: editora 34, 1997.

ELLIOTT, Stephan. **Priscila, A Rainha do Deserto**. 1994. Filme , 103 min

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade Pessoal**. Oeiras: Celta, 1991.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade**. Campinas, SP: papyrus, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PIAULT, Marc Henri. Real e ficção: onde está o problema? In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (org.). **Imagem e memória**; ensaios em Antropologia Visual. Rio de Janeiro: Garamond, 2001, p. 151-171.

VENCATO, A. P. **"Olá, procurando diversão?"**. **A performance das drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina**. Projeto de Pesquisa não-publicado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, (2000).